



Redacção e administração
R. de S. Martinho

AVEIRO

POVO DE AVEIRO



Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO,

EDITOR, Manuel Homem Christó

SEMENARIO REPUBLICANO

Numero 258

Assignaturas

AVEIRO—Um anno, 1200 réis. Semestre, 600. Fora de Aveiro, um anno 1300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2500. Semestre, 1250 réis (fortes).

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações

No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato. Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento. NUMERO AVULSO, 30 REIS

3.º Anno

A QUESTÃO CLERICAL

As Congregações em França

Duas vezes a França errou o seu caminho, escreviamos nós, com verdade, no ultimo artigo.

Um homem sábio, reflectido pelo menos, prudente, que nem é preciso mais, não admitte, não aceita, o principio absoluto do fatalismo na historia, do determinismo na vida dos individuos, ou na vida dos povos. E' certo que ninguém altera o fundo do seu temperamento. Mas isso não quer dizer que um individuo se lance ao fogo, exclamando: morrerei, se tiver de morrer; não morrerei, se não tiver de morrer.

A que absurdos, nos levaria uma doutrina tão disparatada!

Isso seria negar toda a influencia da educação, do saber, da experiencia. Seria considerar a vontade um valor nullo.

A vontade educa-se tambem. Os temperamentos, se não se alteram, corrigem-se, modificam-se notavelmente. E' o que nos diz o estudo dos outros e a observação de nós proprios. Nem é preciso ser sábio para chegar a taes conclusões. Basta pensar.

Ah! mas o grande mal é não pensar. A maior parte da gente não pensa. Aceita sem criterio o que ouve e o que lê. Principalmente se quem fala ou escreve é tido e havido, com verdade ou sem ella, como pessoa auctorizada. Pessoa auctorizada que, pelo que lhe toca, cahe, em regra, a respeito d'outros que lhe estão para cima, na mesma abdicção ou degradação do pensamento.

Ha muito pouco quem saiba ler ou quem saiba ouvir. Queremos dizer, quem saiba applicar o seu raciocinio ao que lê e ao que ouve, para adquirir um criterio de verdade, sem o qual a leitura pôde ser uma fonte de desacertos, de desvairamentos, de mentiras.

Duas vezes a França errou o seu caminho. Por causas minimas? Por causas maximas? Pouco importa. Mas convem aqui observar que os historiadores commettem, tambem, a cada passo, o erro gravissimo de só tomarem em consideração os grandes factos. Pois a influencia das pequenas coisas tem sido, muitas vezes, a determinante exclusiva dos mais graves acontecimentos. Ainda ahi a vida dos individuos nos pôde esclarecer sobre a vida dos povos. Quantos homens teem commettido erros irreparaveis, prejudicando para sempre a sua vida, sob a acção d'uma influencia mesquinha, sob o impulso irreflectido d'um instante, empurrados por uma paixão que se apaga n'uma hora, n'um dia, n'um mez! Ou por ignorancia! Ou por simples levianidade!

O que succede na vida particular tem succedido mil vezes na vida publica. Comtudo, os historiadores, os homens de letras, que geralmente mais procuram o effeito litterario, o effeito artistico, ou satisfazer a sua vaidade com demonstrações de originalidade de idéas, ou novos pontos de vista, do que chegar, sinceramente, honradamente, á descoberta da verdade, desvairam, phantasiaram, em busca de grandes causas, e só vêem em tudo

altos influxos, principios inludíveis, correntes imperiosas, leis de fatalidade historica que não se desviam, nem se alteram.

Essa detestavel phantasia dos litteratos, essa mania lastimosa de tirar das palavras effeitos artisticos acima de tudo, essa vaidade repugnante de querer sobresahir com pontos de vista originaes, tem sido bem uma das causas mais funestas do erro da humanidade.

Francisco I era menos theologo, e até menos papista, do que Henrique VIII, o adversario encarnação da Reforma, que fez subir ao cadafalso Bilney, Frith e outros, o auctor do celebre pamphleto contra Luthero, pamphleto que foi baptisado pelo papa Leão X com o nome de *diamante do céu*. Fervoroso catholico apostolico romano, todo o empenho do rei de Inglaterra é obter o titulo de rei christianissimo quando o papa o retira ao rei de França. E consegue obter o de defensor da fé. No entanto, Henrique VIII acaba por adoptar e manter a Reforma, ao passo que Francisco I, o rei *christianissimo* que chama os turcos e os piratas em seu auxilio, a repudia e persegue. Porque?

A razão principal está na differença de temperamento dos dois soberanos. Se ainda hoje em Portugal, no seculo vinte, depois das grandes conquistas da civilização, n'um paiz que proclamou a liberdade ha perto de um seculo, a influencia do rei é decisiva, é elle que põe e dispõe, é a sua vontade que domina ainda nas coisas mais insignificantes, como duvidar de que nos tempos do absolutismo fosse o temperamento individual dos soberanos, dos seus favoritos, das suas amantes, a causa suprema dos grandes acontecimentos historicos?

A França foi derrotada em 1870 porque o imperador só viu durante todo o seu reinado, e só a isso attendeu, até na declaração da guerra, a defeza do throno, a conservação da dynastia. Os mesmos que attribuiam essa derrota á decadencia de raça, tinham affirmado o contrario em Solferino e em Sebastopol. O successo, o exito, é o unico criterio d'apreciação, até na grande maioria d'aquelles que se dizem pensadores.

Henrique VIII era um homem energetico, auctoritario, teimoso, que não admittia que o contrariassem. No dia em que Roma, cujo espirito dominante e absorvente é de todos conhecido, o contrariou e ameaçou, Henrique VIII, que era, ao mesmo tempo, intelligente, apressou-se a concentrar na sua mão todos os poderes, declarando-se o unico chefe religioso, como já era o unico chefe politico. E passou de perseguir cruelmente os catholicos.

Francisco I, que não demonstrou, em todo o seu reinado, senão levianidade e inconstancia, era um pueril, era um futil, dominado apenas pelo amor dos prazeres, pela vaidade, pela presumpção. Com a aspiração continua de fazer da França um grande imperio, nunca fez senão compromette-la e prejudicá-la. Faltavam-lhe todas as qualidades d'um grande soberano. Se as possuísse, um dos seus primeiros cuidados seria, rival de Carlos V, adoptar e impôr a Reforma. E a França, então a nação mais esclarecida da Europa, então a menos dada a subtilezas theologicas, bastante independente de Roma, com

todo o seu elemento intellectual, a sua grande burguezia, a sua grande industria, a sua fidalguia provinciana do lado dos protestantes, estaria em magnificas condições para o acompanhar. Para que o protestantismo triumphasse em França só lhe faltou o apoio poderoso do rei. A grande força do catholicismo romano esteve sempre na corte, prostituida, dissoluta, por isso mesmo detestando a propaganda de bons costumes feita pelos reformados.

Henrique II soffreu, como seu pae, a influencia decisiva das mulheres, e, por isso, no meio d'uma corte tão licenciosa como a anterior, continuou a nefasta politica de Francisco I. Uma mulher, sobre todas, dominou esse reinado, Diana de Poitiers, duqueza de Valentinois, que tendo sido amante do pae passou a ser amante predilecta do filho. Essa mulher, viciosa, cheia de crimes, encontrando nos jesuitas facil transigencia e absolvição para todos os seus vicios e infamias, não podia deixar de sentir repugnancia e odio pelas maximas severas e costumes austeros dos huguenotes.

Francisco II, no seu curto reinado, foi um servo humilde de sua mulher, a celebre Maria Stuart, sobrinha e creatura dos Guises, e creatura tambem dos jesuitas, que a educaram.

Catharina de Medicis, que ficou na historia como um dos entes mais hediondos que se teem conhecido, dominou os dois reinados seguintes, como tinha concorrido, notavelmente, para a perturbação e desordem dos dois reinados anteriores. Sobrinha d'um papa, dissoluta, perversa até ao ultimo grau, escusado será dizer-se que era ferozmente partidaria da *santa religião*, embora, ao ao que parece, sem grande fanatismo. Era mais cynica do que fanatica.

Henrique IV poderia, como já dissémos, lançar a França no caminho do livre exame, emancipando-a de Roma, se quizesse. Varios historiadores teem pretendido justificar a sua apostasia como uma necessidade de occasião, affirmando que o espirito catholico da França nunca teria admittido um rei protestante. Não é exacto. Se Henrique IV perdesse adherções importantes, foi, precisamente, pela sua falta de caracter. Era, tambem, um cynico. Se o seu caracter, tão pouco sympathico aos francezes em geral, inspirasse confiança aos seus partidarios, se estes lhe não reconhecessem completa ausencia de convicções, o rei bearnes teria entrado triumphante em Paris logo apoz a morte de Henrique III e teria imposto a Reforma a toda a França. Os protestantes, já por mais do que uma vez vencedores no campo da batalha, tendo luctado com vantagem contra os catholicos quando estes tinham por si o poder real, não seria com um rei dos seus a frente que perderiam, por fim, a partida.

Cynico, intelligente mas sem largas vistas, faltando-lhe a força da convicção que eleva os homens, accomodaticio, eivado do espirito dissoluto da alta aristocracia, que era catholica, não se querendo sujeitar a novas luctas, suppondo que a sua apostasia iria desarmar os protestantes, tanta vez atraçados já pelos altos magnates, e contentar os catholicos, desarmando-os, portanto, tambem, solta a celebre phrase: *Paris vale bem uma missa*,

phrase que basta para definir o seu caracter, e segunda vez renega as doutrinas protestantes. Apostatou a primeira vez por medo. Apostatou a segunda por interesse.

Não obstante, já por espirito de tolerancia, já com medo dos protestantes, que, apezar da deserção dos seus chefes, ainda constituam um partido poderoso, promulgou o edito celebre de Nantes, que concedia a liberdade de consciencia e a liberdade de cultos aos huguenotes.

Não soube fazer mais. Mas ainda fez bastante. Sim, ainda fez muito para a tradicional intolerancia de Roma, a Roma feroz que jurou guerra de morte á sua pessoa e á sua obra.

Cada vez mais odiado pelos catholicos, morreu ás mãos d'um fanatico. E o edito de Nantes, tantas vezes combatido, acabou por succumbir ás mãos d'outros fanaticos.

Velho e doente, apavorado com o medo da morte e do inferno, Luiz XIV, o rei soldado, julgando, como escreve Bonnemère (lei-se *Histoire des Camisards* por Eugene Bonnemère) a quarta pessoa da Santissima Trindade, cedendo ás suggestões da sua amante Maintenon e de toda a clericalha de que ella era interprete, faz publicar uma série de decretos que não só revogam o edito famoso como renovam a guerra aos protestantes, guerra feroz, cruel, deshumana, horrenda, que faz morrer, e fugir da França, tudo quanto ella continha de valioso pela actividade, pelo trabalho, pela intelligencia, pelo saber.

Duas vezes a França errou o seu caminho. A primeira vez quando repeliu a Reforma, atraçando os protestantes. A segunda quando repeliu a Revolução, atraçando os republicanos. E de ambas as vezes sob a influencia perniciosa dos clericos.

Convençam-se todos os homens intelligentes de Portugal de que o padre catholico, em regra, foi sempre inimigo encarniçado do progresso, inimigo implacavel da civilização, inimigo cruel da democracia.

Apprendam na historia, apprendam nas lições dos outros povos.

Não se iludam. Não se deixem perder pela ignorancia.

Pela nossa parte, conscio de que prestamos um bom serviço, só temos em vista, com estes artigos, illucidar, esclarecer, illuminar o grande publico. E' esse o dever de todos os jornalistas democratas, que não podem, nem devem, perder o tempo a discurrir politica de soa-lheiro, a envolver-se nas ignobis intrigas de corrilho, a apreciar, sómente, a personalidade miserima de Hintze Ribeiro, ou d'outra mesquinha creatura da mesma categoria e valor.

Voltaremos ao assumpto, que é instructivo e deleitoso.

Vêr-se-ha a respeito da França o que já demonstrámos aqui, ha tempos, a respeito da Inglaterra, isto é, que só pôde haver paz e progresso n'aquelle paiz quando Roma fór definitivamente aniquilada ou, pelo menos, dominada, subjugada, vencida.

Vê-lo-hemos, para não nos iludirmos.

Pesca

Tem havido n'estes ultimos dias grande abundancia de sardinha e peixe graúdo, que tem tido rapido consumo.

NO CAMPO DA HONRA

Não ficou mais honrado o sr. Duarte Leite por mandar desafiar para um duello o sr. Ricardo Malheiros, nem deu prova de mais coragem e de mais intelligencia por verter o seu sangue no *campo da honra*. O sr. Duarte Leite combate a estupidez, combate o preconceito, combate a iniquidade, combate a grande covardia de que todos os portuguezes veem dando provas ha muitos annos. Ora o duello é uma estupidez. E' um preconceito. E' uma iniquidade. E' uma covardia. O sr. Duarte Leite não foi coherente, não foi consiguiente, não foi logico. Portanto, não ficou mais honrado, nem mais intelligente. Pelo menos, para quem tem a cabeça no seu logar. O sr. Duarte Leite subiu talvez na consideração dos imbecis, dos que se curvam reverentes perante a hypocrisia social. Dos homens de juizo, dos que amam, sinceramente, a verdade e a justiça, não. Não! E não!

Liga-nos ao sr. Duarte Leite uma amizade sólida. Temos a maior consideração pelo seu caracter e pelo seu talento. Isso não nos impede de lhe dizer a verdade, de reprovar abertamente uma abdicção momentanea da sua intelligencia, da sua altivez, da sua intrepidez.

Mais dois duellos no Porto! E' singularissimo como os duellos augmentam tanto mais quanto mais augmenta a covardia, a hypocrisia, a torpeza nacional.

Não nos referimos aos quatro duellistas portuenses, é claro. São quatro pessoas muito dignas. Nem por isso é menos verdadeiro o facto geral que estamos registando. As nossas apreciações não envolvem insinuação a ninguém. São de caracter inteiramente impessoal. E' costume nosso atacar directamente, quando precisamos de atacar alguém.

Nunca isto desceu tão baixo. Ao mesmo tempo, nunca houve tantos duellos entre nós! O que quer isto dizer? Quer dizer o que todos sabem: que o duello nunca foi uma manifestação de coragem, mas uma manifestação de covardia. Augmentou o duello porque augmentou a mentira, porque augmentou a subserviencia, o acatamento hypocrita do preconceito, da falsa e torpe convenção d'uma sociedade sem ideaes, e sem valor.

O sr. dr. Duarte Leite e o sr. dr. Lopes Martins, sendo dois homens honrados, não se distinguiram, no processo, dos mais infimos tratantes. Quem os conhecia, dispensava-lhes, muito bem, a prova do duello. Quem não os conhecia, não ficou sabendo, pelo simples facto de se baterem, se são dois homens honrados, se dois tratantes.

Pensando bem, a prova do duello só é verdadeiramente effiz para nobilitar vadios e encobrir tratantes. Quando um biltre se quer honrar, manda desafiar outro para o *campo de honra*. Ficou nobilitado, ficou honrado! Quando um ladrão, um conecussionario, um torpe, um corrupto, é atacado na imprensa, manda desafiar o jornalista, para que este não continue a revelar as suas infamias. E' das *praxes da honra* que cesse toda a discussão sobre os factos que motivaram o duello!

O que prova então o duello como desaggravo de honra? Não prova nada. Se prova alguma coisa é contra aquelle que recorre a esse expedien-

te. Pelo menos, é uma prova suspeita. Ha mais motivos para suspeitar mal, do que bem.

O sr. Duarte Leite e o sr. Lopes Martins eram honrados antes do duello. Não ficaram mais honrados depois d'elle. Eram honrados para quem os conhecia. São honrados para quem os conhece. Mas se as accusações do *Diario da Tarde* os deixaram suspeitos para quem não os conhecia, mais suspeitos ficaram, depois do duello, para todos os homens de juizo. Por isso mesmo que o duello, em boa consciencia, em boa razão, dizendo-se um recurso de honra só aproveita, effizamente, aos homens que *não tem honra*.

O sr. Duarte Leite, o sr. Lopes Martins, curvando a cabeça ao preconceito, não fizeram mais do que isto: sancionar com o prestigio do seu caracter, do seu talento, com a aureola do seu nome, um expediente torpe, um recurso ignobil, uma arma de tratantes.

O sr. Duarte Leite e o sr. Lopes Martins são dois homens publicos, dois defensores da moralidade e da verdade. Não podiam equiparar-se, em caso algum, a dois espadachins.

Não podiam ter melindres de creanças. Quanto maior fôr o numero de combates, em prol da justiça, em que tenham de intervir, maior será o numero de accusações, de insinuações, de infamias que cahirão sobre os seus nomes. Vão desafiar todo o mundo? Não. Ou cahirão cobertos de ridiculo. Abstem-se, de futuro, para não serem infamados pelo primeiro que appareça, de pugnar pela verdade, pela moral, pelo bem publico? Se o fizerem, como tantos fazem por esse unico motivo, terão dado uma prova solemne, uma prova segura, firme, indiscutivel, de verdadeira, de grande covardia. A grande, a verdadeira covardia, é essa. E só essa!

O que pretenderam, então, com o duello? O que tiveram em vista? Só podiam ter pretendido desviar a suspeita, a desconfiança, de que não eram homens para se pôr na frente d'outros homens. E eis como dois doutores, dois lentos de escolas superiores, se confundiram com dois marçanos! Eis como dois homens de talento se preocuparam com uma mesquinha, com uma insignificancia! Eis como dois homens de sciencia se converteram, de repente, em dois brigões! Eis como dois individuos, d'alta civilização e cultura, demonstraram, eloquentemente, quanto o homem está ainda perto do bruto, por mais civilizado, por mais culto que elle se imagine! Deploravel coisa.

Essa tendencia a mostrar, a proposito dos mais infimos incidentes, que se não tem medo, é uma verdadeira demonstração de inferioridade. Chega a ser uma jactancia ridicula n'um paiz onde, afinal, se tem medo de tudo. Sim, onde se tem medo de tudo!

D'antes, quando os homens d'esta terra defendiam o direito e a liberdade nos campos da batalha, quando recorriam ás armas aos primeiros atropellos e violencias dos governos, os duellos eram raros. Hoje, que todos supportam a tyrannia, que todos soffrem attentados ultrajantes, que todos são tratados como os mais infimos escravos, sem um assomo de revolta, sem um impeto de séria desaffronta, está o paiz cheio de esgrimistas e pullulam os duellos.

Verdadeira irrisão!

Lamentamos, pois, que quatro homens intelligentes e dignos, como os srs. Duarte Leite, Ricardo Malheiros, Lopes Martins e Eduardo de Souza, oradores, professores, jornalistas, publicistas de primeira ordem, tivessem a fraqueza, triste fraqueza, de transigir com o preconceito, com a mentira, com hypocrisia, com a covardia, em vez de a combaterem, como lhes cumpria, e a vencerem com os grandes recursos que teem ao seu dispôr, pedindo, reclamando, exigindo um tribunal competente para julgar essas questões.

Lamentamos. Pelo que toca aos republicanos, particularmente, sentimos que elles

sejam os discipulos mais fiéis, mais susceptiveis, mais zelosos, das doutrinas de Sua Magestade o Rei de Portugal. O sr. D. Carlos é, como se sabe, um homem valente e apolo-gista do duello. Foi Sua Magestade o iniciador da nova escola da valentia portugueza. Valentia que se generalizou devido á influencia do monarcha. Foi elle quem mais estimulou os duellistas, quem mais incitou e assoprou a mania do duello. Pois os melhores discipulos de Sua Magestade são os republicanos! Nenhum outros, com tanta facilidade, recorrem ao duello! Nenhum outros mais promptos em querer mostrar que são valentes!

Mas então porque se queixam do sr. Hintze Ribeiro? Porque se queixam do Veiga? Porque se queixam da Guarda Municipal, da tropa de linha e da policia?

O sr. Hintze Ribeiro, quando assume a *responsabilidade de tudo*, está na linha da valentia a que os republicanos obedecem. Está na mesma linha o sr. Veiga, quando, á má cara, tranca as portas das redacções dos jornaes democraticas. Quando a Guarda Municipal dá *para baixo*, é porque é valente. Quando a tropa de linha faz fogo sobre as multidões, é para mostrar que está nos *sagrados* principios do *campo da honra*. Quando a policia quebra os braços aos cidadãos inoffensivos, é para mostrar que *não tem medo*.

Que querem os republicanos? Não são os republicanos os primeiros apologistas do *direito da força*? Não são os servos mais obedientes do preconceito e da mentira?

Ah! Se fossem uma vez, só uma vez coherentes!

Só uma vez coherentes! Como nós desejaríamos vê-los no campo elevado e puro dos principios!

Sem essas contradicções, incoherencias, incongruencias, que lhes matam a auctoridade e tiram o prestigio!

Infelizmente, ha-de custar a chegar lá.

Monarchicos e republicanos, são todos portuguezes. Todos portuguezes!

E o peor é isso.

KRUGER

Morreu o velho Kruger. Chefe heroico do povo heroico do Transwaal, figura das mais luminosas do seculo XIX.

Curvamo-nos reverentes deante do tumulo d'esse grande homem.

CONCURSO DE TIRO

Devido á iniciativa do sr. capitão de infantaria 23, Julio de Sousa Pereira Girão, dignissimo director da carreira de tiro de Coimbra, realizou-se segunda-feira ultima, n'aquella cidade, um concurso de tiro local, que foi muito concorrido.

O concurso foi dividido em duas partes, uma para os atiradores civis, e officiaes do exercito residindo em Coimbra, outra exclusivamente para as praças de pret do exercito, também residentes em Coimbra.

Os dez premios da primeira parte foram assim distribuidos:

Srs.: Floro Henriques (series de 65 pontos), um binoculo de campo (offerta do sr. D. Carlos); Antonio Lopes de Moraes Silvano (serie de 65 pontos), uma salva de prata (da Camara Municipal d'aquella cidade); Francisco Madeira Junior (serie de 60 pontos), um relógio de algebeira (da direcção geral de infantaria); Gonçalo Nazareth (56 pontos), um trinchante de prata (da União dos atiradores civis portuguezes); Antonio Serrano (serie de 56 pontos), um estojo de escriptorio, em prata (da meza da confraria de Santa Izelabel, Mario Gaió (56 pontos), uma bilheteira (do Gymnasio-Club); capitão Bandeira (57 pontos), um barometro (do Sport-Club); Manuel José Telles (53 pontos), uma clavina (do sr. Clemente dos Reis, armeiro n'aquella cidade); Augusto Henriques (53 pontos), uma faca de matto (do proprietario do Bazar de caçadores); Mario Themido (51 pontos), uma pistola automatic (tambem do mesmo cavalheiro).

Da segunda parte pertenceram aos srs.: 1.º sargento Beja, um barometro (offerta dos officiaes do regimento de infantaria 23); 2.º sargento Araujo, uma phosphoreira de prata (do capitão Girão, director da carreira de tiro); soldado n.º 42 da 1.ª, 3.ª, um relógio de prata (dos officiaes de infantaria 23); soldado n.º 69

da 2.ª, 2.º, um relógio de aço (dos sargentos de infantaria 23); o soldado n.º 28, da 1.ª, 2.º, premio pecuniario de 4500 réis (dos atiradores civis); sargento Soares, n.º 4 da 1.ª, 2.º, idem de 2500 réis (idem); soldado n.º 43 da 3.ª, 2.º, idem de 1500 (idem).

Fez entrega dos premios o sr. general commandante da divisão.

O jury era composto dos srs. major Barbeito, capitão Homem Christo, alferes Martins de Carvalho, Mendonça Gor-tez, representante da camara municipal de Coimbra, e dr. Carlos d'Oliveira, administrador do concelho.

O sr. capitão Girão, espirito culto, amigo fervoroso dos progressos do tiro civil, tão estimado por essas suas qualidades e pelo seu trato afabilissimo e caracter obsequiador, é merecedor de todos os elogios.

Como justissima homenagem foi-lhe hontem oferecido um jantar, pelos atiradores civis, no Hotel Avenida, de Coimbra.

Por honroso convite dos atiradores civis foi expressamente d'Aveiro assistir a esse jantar o sr. capitão Homem Christo, associando-se assim á homenagem prestada ao seu illustre camarada e amigo.

TRANSCRIPÇÕES

O Debate transcreveu os nossos artigos *trigos* e todos os que teem sido aqui publicados sobre *Analphabetismo no Exercito*.

A *Resistencia* começou a transcrever alguns dos nossos artigos sobre a *Questão Clerical*.

O analphabetismo NO EXERCITO

Na escola do capitão Homem Christo matricularam-se vinte recrutas analphabetos. Seguiram até ao fim, com aproveitamento completo, 14. Estes ficaram sabendo lêr, escrever e contar. Dos outros seis, tres ficaram sabendo lêr. Em escripta pouco conseguiram. Em contas só ficaram conhecendo os numeros. Os tres restantes foram abandonados, por aprenderem com tanta difficuldade que só prejudicando os mais adeantados seria possivel ensinar-lhes alguma coisa.

Na 1.ª companhia do 3.º batalhão, do commando do sr. capitão Domingos de Freitas, matricularam-se 11 analphabetos, pertencendo quatro á 1.ª companhia do 1.º batalhão. D'estes, 3 ficaram sabendo lêr, escrever e contar, com conhecimento completo das quatro operações. Um fez, em 6 mezes, exame de 1.º cabo, ficando approved. Ficaram sabendo lêr, correctamente, 5. Lendo mal, 2. E 1 sem aproveitamento algum.

N'esta companhia distinguirse no ensino dos analphabetos o 1.º sargento Beja, que foi por isso louvado em ordem regimental. Deu provas de abnegação, sem a qual nada se faz, e de dedicacão, no ensino dos que já tinham leves conhecimentos, alguns dos quaes progrediram muito, fazendo com facilidade o exame de 1.º cabo, o sr. alferes Belisario Pimenta.

Na 2.ª companhia do 2.º batalhão, do commando do sr. capitão Boaventura de Noronha, matricularam-se 8 analphabetos. Quatro tiveram aproveitamento completo. Dos restantes, um, que era intelligente, foi nomeado para um serviço incompativel com o ensino. Os outros tiveram, por falta de professores, de ser abandonados.

Ensinou esses recrutas o 1.º sargento Manuel Augusto Pedro, que é intelligente e illustrado, e que tinha vontade de ensinar. Infelizmente, viu-se sósinho. Não teve quem o acompanhasse. E'

pena que elementos de primeira ordem, como esse sargento, não sejam convenientemente aproveitados. No exercito ha elementos magnificos, que, estimulados, applaudidos, animados, produziriam muito. O que nos mata, no meio militar, como no meio civil, é uma indifferença estúpida, ainda mais nefasta do que a propria hostilidade. A hostilidade provoca recções, n'um ou outro temperamento energico. A indifferença leva o desanimo ao espirito de todos.

N'essa companhia tambem prestou serviços, ensinando os não analphabetos, o 2.º sargento Garret.

Na 3.ª companhia do 2.º batalhão, do commando do sr. capitão Ferreira Martins, matricularam-se doze analphabetos, ensinados pelo sr. alferes Motta, que demonstrou ahi o zelo, amor do trabalho e intelligencia, que todos os seus camaradas lhe co-nhecem, e que merecem os mais calorosos applausos. Portugal, vamo-nos sempre desenganando d'isso, não se ha de salvar com mandriões, com rotineiros, com pessimistas ou scepticos. Ha de se salvar com homens d'abnegação, honestos, trabalhadores, cultos, crentes no futuro, no levantamento da sua raça, na regeneração da sua patria, e para isso empregando os esforços necessarios. Esses homens ainda existem. E' preciso junta-los, alenta-los, compensa-los, quando mais não seja com os nossos applausos, com a gratidão e reconhecimento d'aquelles que se possam considerar os interpretes da consciencia da nação.

Esse é o grande papel da imprensa, que ella, infelizmente, pouco comprehende.

E' preciso fazer escola de civismo. Ou nunca sahiremos da lama.

Repetimos: a imprensa, n'esse sentido, póde tudo, castigando os indifferentes ou hostis, applaudindo e incitando os patriotas, os trabalhadores, os benemeritos.

Mas voltemos atraz. Dos 12 analphabetos matriculados na 3.ª do 2.º todos, mais ou menos, aproveitaram. Quatro, porém, distinguiram-se notavelmente.

N'essa companhia tambem prestou serviços, dignos de menção, o 1.º sargento Santliago. E para não commettermos omissões que pareçam injusta, não deixaremos, já agora, de citar o nome do 1.º sargento Miranda, outro elemento de primeira ordem, que na 2.ª do 1.º ensinou os não analphabetos.

Poderiamos deixar de citar o nome d'esse sargento, como ainda não citámos os do sr. tenente Leopoldo Antunes, 1.º sargento Albuquerque e 2.º sargento Amaral, da companhia do capitão Homem Christo, os quaes foram louvados em ordem regimental, porisso que hoje só tratamos, especialmente, do ensino dos analphabetos. Mas, já agora, façamos referencia a todos os professores que se distinguiram.

O 1.º sargento Miranda é outro valioso elemento, intelligente, digno, trabalhador, dedicando-se com vontade, se o animarem, á obra grandiosa da regeneração do paiz. Mas seria indispensavel anima-lo, como a todos. E' claro

que, no meio da indifferença geral, poucos são os que teem abnegação sufficiente para trabalhar, desacompanhados de qualquer apoio, incitamento, ou estímulo.

Eis os analphabetos ensinados este anno em infantaria 23. Não são muitos, dir-se-ha. E' certo. Mas sabem porque? Porque determinando a lei, expressamente, que a incorporação dos recrutas se faça em quatro dias, o regimento de infantaria 23 esteve TRES MEZES a recebe los, continuamente. Uns como supplettes, outros transferidos d'outros regimentos de infantaria, outros vindos de cavallaria por declararem que queriam remir a obrigação do serviço ao fim de seis mezes, etc. De 8 a 12 de novembro, praso marcado IMPRETERIVELMENTE na lei para entrarem nos regimentos TODOS os recrutas, foi, precisamente, quando o regimento de infantaria 23 recebeu menos. Ora sendo a instrucção litteraria por companhias, tal qual a recommenda e advoga o capitão Homem Christo, dada *exclusivamente* durante o periodo da recruta, é claro que se não póde perder um dia. Mas não sendo o pessoal da companhia tanto que se possa dividir, por isso mesmo que os quadros nunca estão completos, d'outra forma chegaria para tudo, todos os recrutas que apparecerem nos regimentos depois do dia 16 de novembro já não pódem receber instrucção de primeiras letras.

Nem recebem já, convenientemente, a propria instrucção technica. E por isso o legislador impoz cathegoricamente, sob penas severissimas, que a incorporação se realisasse de 8 a 12 de novembro. Mas quê, se todas as leis n'este paiz são sophismadas, adulteradas, desprezadas, abandonadas?

Eis porque o numero de recrutas analphabetos, ensinados este anno em infantaria 23, foi, relativamente, reduzido.

E voltaremos a este assumpto, que é interessantissimo.

SAL

Vende-se actualmente a 40000 os 15:000 litros, com tendencia para baixar.

Esta baixa de preço é devida ao magnifico tempo que tem corrido para as salinas.

Excursão ao Bussaco

Promovido por alguns socios do «Recreio Artistico» realisa-se hoje a projectada excursão ao Bussaco.

Tambem a direcção da mesma sociedade promove para o dia 24 do corrente mez uma digressão para os seus socios e familias ás formosas margens do Vouga, sendo o trajecto feito em barcos lindamente embandeirados, fazendo-se acompanhar da fanfarra do Azylo-Escola.

E' um passeio lindissimo, que decerto ficará agradavel aos que n'elle tomarem parte.

Musica no jardim

O programma que a banda do 24 executa hoje, das 7 ás 9 da noite, no jardim publico, é o seguinte:

Ordinario; *Il Pagliacci*, selection da opera, (Leancavab); *Les Fleurs*, suite de valsas, (Waldstenfel); *Flôr de Liz*, ode symphonica, (Reis); *Los Niños*, zarzuella, (Chapi); *Scenes et Paysages*, ronde fantastique, (Burliz); Ordinario.

Chamamos a attenção dos nossos leitores para o annuncio que os srs. José Maria Simões & filhos, de Sangalhos, Anadia, publicam na 4.ª pagina d'este jornal do seu acreditado estabelecimento.

TIRO NACIONAL

O tiro nacional constitue uma das mais bellas instituções portuguezas. No entanto, jaz lançado ao mais completo abandono, como tudo quanto é bom e de utilidade entre nós.

Por esse abandono se pôde aquilatar mais uma vez o valor real do movimento democratico, como elemento de regeneração do paiz. A toda a hora varios declamadores gritam nos jornaes republicanos contra o exercito permanente e a disciplina militar, dizendo a esse respeito as maiores heresias, como temos visto. Pois estando na mão d'elles preparar o paiz para a substituição do regimen militar, que tantas indignações lhes provoca, não dão um passo, nem empregam o minimo esforço n'esse sentido.

E' só declamar, declamar, declamar. E' só desmoralisar as multidões, lançando entre ellas o desrespeito absoluto de tudo e de todos, n'uma propaganda dissolvente, anarchica, que aos patriotas, aos homens atilados, aos que veem as coisas com olhos de verdade, causa verdadeiro pavor. Essa responsabilidade é tremenda, e pesa sobre os jornaes republicanos, que muitas vezes são pouco escrupulosos na sua propaganda, admitindo artigos insensatos ou asinaticos, que em vez de educarem, de fortalecerem o espirito publico com a lição dos bons principios, de substituirem a dissolução monarchica a orientação e a disciplina de que tanto carece a sociedade portugueza, maior desvairamento e anarchia propagam e affirmam.

Não faltará quem veja, ás vezes, um certo azedume da nossa parte, e talvez uma certa má vontade, n'estas censuras repetidas. Enganam-se. O nosso fim é chamar exclusivamente a attenção para o erro, a fim de que tratem de o emendar. Bem sabemos que não é por maldade, mas por ignorancia, por falta de reflexão, que se affirmam na imprensa republicana varias heresias, cahindo-se até em contradicções deploraveis, desmentindo-se, não raro, inconscientemente, os proprios principios democraticos, no que elles tem de mais elevado e de mais puro. Ora o nosso intuito é simplesmente chamar para ali a attenção de todos.

Contra o exercito tem parte da imprensa republicana feito uma desgraçada propaganda, como ainda ha dias se viu quando foi do assassinato dos dois officiaes da Guarda Municipal. E' certo que a imprensa monarchica não lhe ficou a dever nada, em desorientação e desvario. Mas a imprensa monarchica, a nós, que somos republicano, não nos interessa nada. Por isso mesmo que a monarchia tem dissolvido, anarchizado, perdido tudo, importa que os republicanos sigam um caminho inteiramente opposto.

A imprensa republicana fez essa desgraçada propaganda e n'ella continua. Ainda esta semana *O Norte*, que é um jornal importante, e quanto maior for a importancia do jornal maior é a sua responsabilidade, publicava, a tal respeito, um artigo infeliz.

Concordamos plenamente que nos quartéis se commettem abusos, como, aliás, em toda a parte. Concordamos plenamente na conveniencia da substituição dos exercitos permanentes pelos exercitos de milicias. Mas quaes são os meios a empregar para se chegar a este fim? Como se ha de pôr cobro a injustiças e a iniquidades? E' insultando a esmo os officiaes do exercito, uma classe inteira, cujo auxilio para a revolução é insistentemente pedido pelos proprios que os insultam? E' falando em *disciplinas da razão* aos pobres *analphabetos*, aos homens profundamente embrutecidos que constituem a grande massa dos soldados do exercito portuguez, e que mal se distinguem dos irracionais, pois que nem sabem falar, quanto mais pensar?

Não ha propaganda mais asinatica. Propaganda que só pôde ter a consequencia necessaria e fatal de augmentar a anarchia da caserna, que é, afinal, a anarchia de toda a sociedade portugueza, sem vantagem, é claro, antes com prejuizo evidente, dos mesmos que a fazem. O elemento pensante e forte do exercito, constituído por officiaes, e sargentos que fazem carreira, ha-de-se afastar, d'esse modo, cada vez mais dos republicanos. O ele-

mento barbaro, constituído pela soldadesca brutal, pelos pobres soldados que mais se avizinham do bruto do que do homem digno d'este nome, ha-de continuar a fazer fogo sempre que lhe disserem: *fogo*, e contra aquelles, seja quem for, sobre os quaes lhes mandarem disparar a espingarda.

Como ha patetas que imaginam civilisar os barbaros da caserna, ou chama-los ao seu gremio, prégando-lhes a *disciplina racional* e tentando incutir-lhes o *espirito de revolta*!

Que qualquer jornaleco anarchista caia n'essas, vá. Mas que jornaes republicanos, e alguns de importância, se desacreditem a esse ponto, é de pasmar.

Ao mesmo tempo, recorreram ao menos os jornaes republicanos, de volta com essas doutrinas de anarchia brava, á propaganda contra o analfabetismo do soldado, auxiliando eficazmente os estorços que alguém tem feito n'esse sentido?

Alguns nem uma palavra tem dito a tal respeito.

Recorreram ao menos á propaganda activa a favor do tiro nacional, a favor da insrução militar do paiz, como meio unico da nação armada poder dispensar o exercito permanente?

Nenhum fez, até hoje, essa propaganda. Absolutamente nenhum!

Entendem que basta philosophar sobre a *disciplina racional*, declamar contra a *obediencia passiva*, gritar: *horror á caserna*, chamar *tyrannos* aos officiaes e *coitadinhos* aos soldados. Está cumprido o *dever democratico*!

Pois enganam-se. Se é sincero o *horror* que tem a caserna, se querem subtrahir o pobre cidadão á *tyrannia*, não deixem de lembrar ao povo, a toda a hora, que a lei do tiro nacional e a lei do recrutamento o livram d'esse *horror* e d'essa *tyrannia*, sujeitando apenas ao serviço de 100 dias, o que não é nada, aquelles que, frequentando as carreiras de tiro militar, obtiverem a classificação de atiradores de 1.ª classe.

Se é sincero o desejo de ver eliminado o exercito permanente, aconselhem, sem descanço, a constituição das associações de tiro civil, que morrem ao desamparo, ao abandono, em todo o paiz.

E' sabido que a *União dos Atiradores Civis*, com sede em Lisboa, arrasta uma vida angustiosa. Em Coimbra, foco de republicanos, ao que se diz, sede principal da *mocidade esperançosa das escolas*, pôde-se dizer que nem existe associação de atiradores civis. E' constituída por meia duzia de *amadores*, que nem casa tem para se reunir. Porque para esses mesmos, que são poucos, o tiro civil é uma simples questão de *sport*, e não, de forma alguma, um elemento importantissimo da regeneração militar do paiz.

E é tudo assim. Os primeiros que se negam a filiar-se nas associações de tiro civil, que as lançam ao abandono, que as desprezam, são os republicanos, em geral, são esses que prégam a *disciplina da caserna*, que vociferam contra a *obediencia passiva*, que se inflamam contra os *exercitos permanentes*, que choram a sorte do *infeliz soldado*.

Um paiz de idiotas.
A phrase é dura mas é verdadeira.
Tenham paciencia.
E desculpem.

O MARQUEZ DE POMBAL

Em 1882 foi lançada em Lisboa a primeira pedra para um monumento ao marquez de Pombal. Depois d'isso, porém, ninguém mais tornou a querer saber de tal monumento. Tratava-se de um inimigo da clericalha e tanto bastava. Tal é, ainda, entre nós, a influencia do clericalismo! Influencia nas regiões officiaes, diga-se. Entre o povo de todo o paiz a influencia clerical, digam o que quizerem, não mette medo a ninguém.

Agora o sr. Carvalho Pessoa, membro da camara municipal de Lisboa, levantou a questão, propondo que o municipio empregue todos os esforços para que vá por deante a idéa do monumento.

Numerosos habitantes da capital, secundando a bella iniciativa

do sr. Carvalho Pessoa, dirigiram ao presidente da camara a seguinte representação:

Ill.º e ex.º sr. — A nobre e patriótica proposta do verador Ex.º sr. conselheiro Carvalho Pessoa, renovando na Camara da illustre presidencia de V. Ex.ª o pensamento de se levantar um monumento a Sebastião José de Carvalho e Mello, Conde de Oeiras e Marquez de Pombal, na rotunda da Avenida da Liberdade, enche, certamente, de jubilo a alma de todos os patriotas.

A forma como, por V. Ex.ª e pela Ex.ª Camara, essa proposta foi recebida, faz com que se avive a esperança de que a nação portugueza solva uma grande divida de honra e de gratidão.

A Camara Municipal de Lisboa perfilhando para tal fim, antigas delicias, e contribuindo para que em brouze se perpetue a memoria do maior dos nossos reformadores, vincular a sua passagem pelas cadeiras da edilidade por maneira a merecer o geral reconhecimento.

Sr. Presidente: Os cidadãos que a V. Ex.ª se apresentam, já por outras occasiões pretenderam cooperar no trabalho emigentemente civico, e levantadamente justo de se erigir um monumento ao Marquez de Pombal. O facto de a Camara Municipal de Lisboa se occupar do assumpto abre-lhes um horizonte de esperança.

Filhos de Lisboa, ou domiciliados n'esta capital, aos legitimos representantes da cidade nos dirigimos offerecendo-lhes o pouco ou muito de que possamos dispôr para que na nossa principal avenida, o vulto magestoso do reedificador da cidade, se defronte com o obelisco patriótico que rememora a independencia do povo portuguez em epoca de predominio extranho.

Sobre as ruinas que em 1 de novembro de 1755 cobriram de sombras, de pavores e de desgraças esta capital, levantou o grande Marquez uma cidade nova.

Sob a sua incomparavel energia e acertos de intelligencia, alentaram-se as industrias, a agricultura, o commercio e progrediram as artes fabricis ou officios que, na phrase do inclito estadista, são os braços e mãos de todos os Estados.

As suas medidas em negocios de administração, assombraram pela firmeza de seus planos com que converteva para tornar rica, feliz, altiva e nobre a nossa querida terra.

Mais assombram, e sobre tudo comovem, as multiplicas providencias que nos doze bairros da cidade mandou adoptar por occasião do terremoto.

No plano da reedificação da cidade mandado remetter ao duque regedor em 12 de junho de 1758, estão os traços indeleveis d'esse poderoso genio.

Nas precauções por occasião do cataclismo adoptadas contra malfiteiros, e para segurança dos haveres do Estado e dos particulares, consubstanciam-se o *dever*, a honra e o brio do estadista.

N'essa estupefada catastrophe a figura do Marquez de Pombal sobreleva ás grandiosas figuras de homens superiores, e levanta-se inspirando a todos coragem e serenidade.

Falar de tudo isto que V. Ex.ª e a Camara da sua mui digna presidencia tão bem conhecem seria traçar uma epopéa para que nos falta engenho. Mas affirmar a nossa admiração e reconhecimento pelo homem que interna e externamente nobilitou e honrou a patria portugueza é *dever* de consciencia. Dizer que á cidade de Lisboa o Marquez de Pombal dedicou a maior parte dos seus cuidados, da sua força e do seu genio superior, é levantar um *padrão* de justiça, é abrir a nossa historia nas suas paginas mais rutilantes.

Por isso mesmo a cidade de Lisboa tem em aberto uma grande divida, ainda não solvida, e o paiz um permanente reconhecimento que precisa traduzir n'um facto.

Esse facto é a criação do monumento ao portuguez que mais o merece.

Sr. Presidente: A Camara Municipal representa a cidade; as diligencias da actual vereação para que na rotunda da Avenida da Liberdade se eternise a memoria do Marquez de Pombal constituirão a maior das suas glorias.

Os trabalhos para esse fim ha muito que começaram, e estão claramente definidos. Se amorteceram *dever* é de todos dar-lhes vida.

A criação do monumento foi determinada por uma lei approvada pelas cârtas geraes. Esse documento tem a data de 27 de abril de 1882. Por lei o governo concedeu dos nossos arsenaes o bronze necessario para a fundição da estatua; por lei foi lançada a primeira pedra do monumento, solennemente, com a presença de todos os altos poderes do Estado e do povo no dia 8 de maio de 1882, por um decreto foi nomeada a grande commissão que dirigiu as festas civicas do centenário do Marquez, e que deveria empregar as necessarias diligencias para se levantar o monumento.

O tempo e a morte reduziu essa commissão. O que os cidadãos presentes tem a honra de solicitar da Ex.ª Camara Municipal de Lisboa é a sua poderosa e intelligente acção para que essa commissão se complete e as leis e decretos que o monumento autorizam sejam cumpridos.

Em 1 de junho de 1901 a benemerita Sociedade de Geographia, sob proposta de um grande numero dos seus membros, resolveu pedir ao governo o cumprimento das referidas leis e a reconstituição da commissão para proseguimento de trabalhos. Certamente que essa e outras collectividades se empenharão para dar força e autoridade ás nossas justas e patrioticas reclamações.

Ao lado da Camara da illustre presidencia de V. Ex.ª, pôde affirmar-se, se encontrará o povo da Capital, o paiz inteiro.

Eis, sr. Presidente, o que temos a honra de, com o maior respeito e alta consideração, vir impetrar dos sentimentos patrio-

ticos dos legitimos representantes da cidade de Lisboa.

Lisboa, 12 de julho de 1904.
Ill.º e Ex.º Sr. Conselheiro Antonio de Azevedo Castello Branco, Dignissimo Presidente da Camara Municipal de Lisboa.

Pela nossa parte, applaudimos calorosamente os esforços dos patriotas de Lisboa e estaremos ao lado d'elles com todo o entusiasmo e energia. E' indispensavel arredar de cima de Portugal a vergonha que pesa ainda sobre elle e mostrar á clericalha que é tempo de cessar a sua nefasta influencia.

Dizem os jornaes de Lisboa que o soldado de cavallaria da guarda municipal, José Maria d'Almeida, desembanhou a espada n'um acto de furia n'uma das ruas mais concorridas da capital, dando para a esquerda e para a direita, sendo preso e entregue ao official de serviço no quartel do Carmo. Presume-se que fora atacado de allucinação mental. Gosava de boa reputação entre os seus superiores pelo seu bom comportamento militar.

Este rapaz é de Aveiro e pertence a uma familia muito conhecida n'esta cidade.

GENERAL VIVALDO

Foi victima d'um grande desastre, que lhe causou a morte, o sr. general Antonio Simões de Carvalho Vivaldo, que foi, ainda ha pouco, commandante da brigada de infantaria que tem a sua sede em Aveiro.

Eis como *O Dia*, de quarta-feira ultima, descreve o desastre:

O general Vivaldo sahio hontem de sua casa ás 6 horas da tarde, e montando no seu cavallo, acompanhado pelos srs. capitão Sobral e tenente Marques, dirigiu-se em passeio, da rua da Piedade em direcção á rua de Xabregas, afin de vêr a igreja da Madre de Deus. Depois, seguiram até á circumvallação, para, tomando pelo Alto de S. João, Avenida D. Amelia e rua Nova da Palma, viem finalizar o passeio ao Largo do Caldas, onde os impedidos dos trez officiaes os esperavam a fim de conduzirem os cavallos para as cavallarias dos regimentos em que estão tratados. Mas, ao chegar á Avenida D. Amelia, o sr. general Vivaldo, que tomara pelo lado esquerdo, disse ao sr. capitão Cabral para atravessar para o lado direito, pois desejava trotar um pouco e do lado indicado havia mais espaço para o fazer. Os officiaes obedeceram ao desejo do illustre militar, mas o sr. tenente Marques logo d'í principio notou que o cavallo do sr. general Vivaldo ia alargando o trote e, no intuito de o fazer abrandar a marcha, sopeou o animal que montava, calculando que assim faria perder o entusiasmo ao outro.

O cavallo do sr. general Vivaldo, ao contrario de affrouxar o passo, antes de momento a momento o alargava. Comtudo, o illustre militar, abandonando-se á vontade do animal, não percebeu que o trote era largo de mais, quasi meio galope, e apenas extranhou a ausencia do seu ajudante, dizendo-o ao capitão Cabral, que sempre seguira a seu lado.

Naturalmente destrubou-se d'algum dos lados e procura collocar-se melhor — aventou o interpellado.

E, como era natural, voltou o corpo para traz e atrazou-se um pouco, para vêr o que dera origem á demora do seu camarada. Mas, habituado como estava a vêr o seu general entregar-se pouco a galopes, quando o sr. tenente Marques se aproximou, manifestou-lhe a sua extranheza, com a qual aquillo logo concordou, tanto mais que fora o primeiro a notar o facto.

E, já então, receioso de qualquer desastre, metteram esporas aos seus corceis para irem ter com o sr. general, que, em poucos momentos, tomara uma distancia consideravel. Mas, de repente, viram-no envolto n'uma nuvem de poeira e desaparecer n'uma curva, sem poderem, de momento, calcular a direcção que tomara.

Sobresaltados e convencidos de que o cavallo tomara o freio nos dentes, partiram a todo o galope.

Mas a correria em que largára o cavallo do infeliz general era uma correria louca, desordenada. Sem governo, porque o desditoso militar não tivera forças para o sopear, o corcel, tomando por uma das novas ruas que desdobocam na Avenida D. Amelia, enfiára pela calçada do Forno do Tijolo, ruas dos Sapadores e da Graça, até ao largo da Graça.

Na carreira, o cavallo, que passára em frente da igreja, rapidamente, ia tomando a direcção do muro que fica proximo do jardim.

Julgase que, antevenlo o perigo de ser arremessado contra esse muro, o sr. Vivaldo tivesse a idéa de se lançar do cavallo abaixo, pois que o cavallo, transpuz n'um momento, a curta distancia que separa o largo da Graça do jardim, e,

defronte d'esse jardim, o sr. general Vivaldo, já sem forças para se sustentar na sella, cahiu no solo, de cabeça para baixo, ficando logo inanimado. O cavallo estacára.

O infeliz official deu com o parietal direito contra os rails do elevador, e fracturára o craneo n'essa região.

Conduzido immediatamente ao hospital de S. José, alli o medico de serviço dr. Guilherme Arriaga procedeu á operação do trépano, tal era o melindroso estado do ferido, estado que no entanto se não julgava fatal, attendendo a que não houve ruptura das meninges. Depois, foi o sr. general conduzido para um quarto particular do hospital.

O general Vivaldo falleceu no dia immediato ao da operação.

Quem escreve estas linhas conhece-o muito bem. Era um homem dignissimo, um espirito culto, um caracter recto, incapaz d'uma acção menos cavalheirosa ou elevada. Muito conciliador, cheio de bondade, sem deixar de exigir o cumprimento rigoroso do dever aos seus immediatos, teve as geraes sympathias de todos aquelles que serviram sob as suas ordens.

Sentimos profundamente a sua morte.

A nossa carteira

Fizeram annos as srs.ª: D. Marianna Maria Breda Pinto, esposa do sr. dr. Matheus Pereira Pinto, e D. Luiza de Freitas Velloso de Mello, esposa do sr. dr. Joaquim de Mello Ribeiro Pinto, digno desembargador da Relação dos Açores. As nossas felicitações.

Acompanhado de sua familia, seguiu hoje para o Pharol, a fazer uso de banhos, o sr. capitão Homem Christo.

Seguiu para as aguas de Melgaço, onde vae fazer a sua annual estação hydrotherapica, o sr. dr. Antonio Florido da Cunha Toscano, considerado membro da commissão parochial republicana de Villa Nova de Gaya.

Partiu para Braga onde vae tomar parte como presidente no jury dos exames de sahida da lyceu, o sr. dr. Alfredo de Magalhães, distincto lente da Escola Medica do Porto.

Com sua familia já se encontra nas Caldas de Moledo o sr. José Ferreira Gonçalves, nosso correligionario e activo negociante da praça do Porto.

Esteve quinta-feira n'esta cidade, o sr. dr. Luiz Augusto Pinto de Magalhães Mesquita, dig.º advogado em Villa do Conde.

Encontra-se em Aveiro, o sr. Manuel de Souza Brito, digno recebedor d'este concelho.

Partiram para as aguas de Mondariz, os srs. Antonio Maria Ferreira e Duarte Ferreira Pinto Basto.

Em commissão de serviço parte amanhã para a Figueira da Foz, o sr. dr. Hedefonso Marques Mano, distincto advogado e professor do lyceu d'esta cidade.

A fazer uso do banhos, tambem partiu para a Costa de S. Jacinto, o nosso amigo José Gonçalves Gamellas.

Regressaram a Aveiro, os srs. Feliciano e José Soares e Antonio da Cunha Coelho.

PUBLICAÇÃO A PEDIDO

E' vergonhoso, e deprimente para a seriedade de culto o estado em que se encontram as capellas da Costa e Quitans, da area parochial da Oliveirinha.

As cornijas estão a calir a pedacos; os soalhos parecem armadilhas recommendadas por algum algebrista. E as paredes?!... As paredes estão revestidas de limos que tresandam ao ar mephitico de cavernas lobregas.

E diz-se missa n'estas espeluncas, não sabemos se pelo ignorarem as autoridades ecclesiasticas locais!...

Se ellas desconhecem o estado desprezível das taes capellas, ali ficam os reparos d'um parochiano, que chama para isso a attenção principalmente do sr. areypreste, que de certo providenciaria effizientemente.

Quitans — julho — 1904.

(Um parochiano.)

CASA

VENDE-SE uma na rua de Jesus, em frente do sr. dr. Carvalho. Quem a pretender dirija-se a Joaquim Gafanhão, na Costeira.

Mercado de Aveiro

Os preços dos generos porque correm no mercado d'esta cidade, são os seguintes:

Feijão branco.....	700
» encarnado.....	840
» manteiga.....	560
» amarello.....	630
» misturado.....	540
» caraça.....	800
» frade.....	750
Milho branco.....	780
» amarello.....	760
Trigo gallego.....	15060
» tremez.....	920
Cevada.....	640
Centeio.....	600
Batatas, 15 kilos.....	280
Ovos, duzia 140, milheiro.....	15200

Notas alegres

Conversava D. Pedro II com D. Nuno Alvares Pereira, duque do Cadaval, menos honestamente. João Bernardes de Moraes, physico-mór, agitava a agua na tina para o banho do rei.
— Está boa? perguntou D. Pedro.
— Sim, meu senhor, fresca como a conversação, respondeu Bernardes.

Tramways entre Aveiro e Porto

Do Porto para Aveiro e volta—Partidas: De S. Bento, de manhã 7-6; de tarde, 6-51. De Aveiro para S. Bento: De manhã, ás 3-55 e 10-15; de tarde, ás 4-4.

De Alfarellos para o Porto—Partida: De Alfarellos ás 2-7 da tarde; chegada a S. Bento 7-45 da tarde. Este tramway liga com o comboio da linha oeste, que sahe da estação central de Rocio ás 7 horas da manhã.

ANNUNCIOS

Abastecimento de carnes á cidade de Lisboa.

Esta empresa previne os criadores de que recebe gado para açougue nas epochas proprias pelos preços que constam do seu contracto.

Venda de productos do Matadouro Municipal de Lisboa, sangue secco e pulverizado para adubos (o mais rico em azote), tonelada réis 68:000, tripa larga 240 réis cada masso, tripa estreita 260 réis cada masso, couros todos os sabbados ao meio-dia, sebo, estrume, etc.

Rua da Boa Vista, 3 Lisboa

José Monteiro Telles
ou
dos Santos J.

DENTISTA MECANICO

Colloca dentes e dentaduras artificiaes. Conserta qualquer dentadura partida, ou a que falte qualquer dente; obtura a ouro, prata, platina, e a cimento, tudo por preços baratos. Não se recebe qualquer quantia ficando o trabalho imperfeito.

RUA DA COSTEIRA
(Em frente da Estátua de JOSÉ ESTEVÃO)

MINERVA
COMPRA-SE uma já usada, convindo em preço. Carta a esta redacção com as condições.

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS

SANGALHOS

VENDEM e trocam relógios de bolso e de salla.
Correntes e medalhas de prata.

Machinas de costura «PFAFF», White e outros auctores.

Bicycletas «BRISTOL», «TRIUMPH», «OSMOND», «GUILTYNER» e outros auctores.

Completo sortido de accessorios, tanto para machinas de costura como para bicycletas.

Officina para qualquer reparação.

Alugam-se bicycletas

José Maria Simões & Filhos

ANADIA—SANGALHOS

ESTABELECIMENTO

DE MERCEARIA

E FERRAGENS

— DE —

ANTONIO FERREIRA FELIX,
Filhos (Successores)

N'ESTE antigo estabelecimento vendem-se ferragens nacionaes e estrangeiras, taes como: ferro em barra e em chapa, zinco, folha zincada, faqueiros de Guimarães e estrangeiros, paz de aço, ratoeiras de ferro e arame, fechos, fechaduras e dobradiças, panellas de ferro fundidas e estanhadas, chaços de ferro, fogareiros, pulverisadores de diferentes marcas, arame para ramadas, réde para vedações, alvaiades, vernizes, drogas, tintas preparadas e em massa, mercearia, madeiras, etc., etc.

MODICIDADE DE PREÇOS

RUA DIREITA N.º 43 a 45—AVEIRO

EMPRESA CERAMICA

DA

FONTE NOVA

DE

Mello Guimarães & Irmãos
AVEIRO

FABRICA a vapor de telha do systema de Marselha, feita pelos processos mais modernos e aperfeiçoados.

Encontra-se á venda n'esta fabrica grande quantidade de telha franceza e seus accessorios, e bem assim outros artigos para construcções, taes como: azulejos para revestimento de paredes de variados gostos, vasos para frontarias, siphões, balaustres, manilhas, etc., productos que rivalisam com os das principaes fabricas congeneres do paiz.

Tejolos de varias dimensões.

PREÇOS MODICOS

PADARIA FERREIRA & MACEDO

AOS ARCOS

AVEIRO

N'ESTE estabelecimento de padaria, especial no seu genero em pão de todas as qualidades, se encontra á venda:

Pão proprio para os diabeticos, pão torrado e ralado, café de 1.ª qualidade, a 720 réis cada kilo; dito de 2.ª, a 480; chá, desde 13600 a 35600 o kilo; massas alimenticias de 1.ª qualidade, a 140 o kilo; ditas de 2.ª, a 120; velas marca Sol, cada pacote, a 180; ditas marca Navio, a 170; bolachas e biscoitos, pelos preços das principaes fabricas da capital.

Vinhos finos e de meza, por preços modicos.

Todos estes generos se mandam a casa do consumidor á hora que o exigir.

TYPOGRAPHIA DO POVO DE AVEIRO

Acaba de nos chegar do estrangeiro, das principaes fundições typographicas, uma variedade de tipos de phantasia, proprios para obras de luxo. Encomendamos, portanto, de toda a obra de impressão, fazendo-a mais barata do que em outra qualquer parte.

Especialidade em cartões de visita

A AMBICÃO D'UM REI

por EDUARDO DE NORONHA

Obra illustrada com numerosas gravuras coloridas por Manuel de Macedo e Roque Gameiro, e impressa em magnifico papel.

Nova edição popular

Caderneta semanal de 16 paginas, 40 réis. Tomo mensal, 200 réis.

Um exemplar GRATIS a quem remetter adeantamente a esta empresa a importancia de dez cadernetas ou tomos.

Brinde a todos os assignantes
Aceitam-se pedidos de qualquer numero de cadernetas e tomos.
«A Editora»—Largo do Conde Barão, 50—LISBOA

Precisam-se agentes em todas as terras do continente, colonias e Brazil.

Aos agricultores

Adubo organico para terras, vende-se a retalho e em saccas de 75 kilos, no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas, á Praça do Peixe—AVEIRO.

Este adubo, com resultados maravilhosos para a cultura das terras, convém especialmente para as terras calcareas, dependendo a quantidade a empregar-se da qualidade do terreno a que for applicado. Tratando-se d'uma cultura importante é conveniente submeter a analyse da terra ao agronomo da localidade para elle estabelecer essa quantidade.

BAGAÇOS ALIMENTARES

VENDEM-SE na antiga casa de Manuel Maria, largo do mesmo nome, rua direita, d'esta cidade, e por preços vantajosos os melhores bagaços para alimentação de todos os animaes.

A NOVA PHASE DO SOCIALISMO

por JOÃO DE MENEZES

A' venda na Livraria Central de Gomes de Carvalho, editor, 158, rua da Prata, 160—LISBOA.

Preço 200

Os ultimos escandalos de Paris.

Grande romance de Dibat de Laforest, illustrado de numerosissimas e esplendidas gravuras. Mais interessante que os *Mysterios de Paris* e *Rocambol*. Romance de acontecimentos sensacionais e veridicos occorridos na actualidade. Obra moralissima pela edificação dos factos relatados e pelas injusticias que esses mesmos factos frequentemente annuncia. Brinde a todos os assignantes: Uma elegante capa de brochura para cada volume, impressa a duas cores e com desenhos apropriados ao assumpto tratado no mesmo volume. Um premio da Santa Casa da Misericordia de Lisboa nas condições dos prospectos em distribuição.

Fasciculo semanal de 40 paginas e 5 gravuras, 50 réis. Volume mensal de 160 paginas e 20 gravuras, 200 réis.

Assigna-se em todas as terras do paiz onde temos agentes, e na «Editora»—Lisboa—L. do Conde Barão, 50.

Sapataria Marques d'Almeida & Irmão

N'ESTA acreditada sapataria, sita aos Arcos, ha sempre excellente calçado feito, tomando-se tambem encomenda por medida. Pela segurança da obra e pela boa qualidade dos cabedoes se responsabilisam os annunciantes.

Equalmente garantem a todos a modicidade de preços.

Vêr para crêr

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas tem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79